

A Representação Social do Programa *Bolsa Família* via marcas de heterogeneidade mostrada

Renata Rena Rodrigues – UFV

Mestre em Letras - UFSJ

Fone: (32) 9954-9681

E-mail: renatarenna@yahoo.com.br

Carina Aparecida Lima de Souza – IFTO

Mestre em Letras - UFSJ

Fone: (63)8121-1773

E-mail: carinalima@yahoo.com.br

Data de recepção: 04/04/08

Data de aprovação: 05/06/2008

Resumo: Neste trabalho pretende-se analisar a representação social do programa *Bolsa Família* por meio da proposta teórica de heterogeneidade discursiva de Althier-Revuz (1990) e Dominique Maingueneau (1997). Para tanto foi utilizada uma reportagem veiculada num caderno informativo distribuído pelo Ministério do Desenvolvimento Social, autor do programa. Pode-se verificar, de alguma maneira, que a utilização das marcas de heterogeneidade discursiva identificadas no texto da reportagem são articuladas como estratégia de validade para o discurso do ministério, o qual tem como propósito divulgar os resultados da execução das ações do programa *Bolsa Família*.

Palavras chaves: Programa Bolsa Família – Heterogeneidade Discursiva – Representação Social

Introdução

Partindo do pressuposto de que os discursos são impregnados de palavras dos outros (BAKHTIN, 1992) e, por essa razão tendem a ser heterogêneos, o objetivo deste artigo é fazer algumas considerações de como pode ser percebida a representação social do Programa *Bolsa Família* mediante das marcas de heterogeneidade mostrada observadas numa reportagem sobre os primeiros “avanços” da execução do programa. Para tanto, será utilizada uma reportagem para verificação de tais representações veiculadas num caderno informativo organizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social brasileiro. A abordagem teórico-metodológica será ancorada nos pressupostos da Análise do Discurso, mais especificamente, nos postulados acerca da heterogeneidade discursiva conforme proposto por Althier-Revuz (1990) e Dominique Maingueneau (1997).

É enfático o desenvolvimento de programas sociais no Brasil nos últimos anos. Com a política adotada no governo atual é fácil ser observada a presença das ações assistencialistas desenvolvidas pelo Ministério do Desenvolvimento Social brasileiro. De acordo com esse ministério, no Brasil, a pobreza associada às desigualdades sociais configura um quadro de insegurança alimentar. A fome no País decorre de desigualdade de acesso e não de disponibilidade dos alimentos. Por isso, o desafio assumido pelo atual governo foi integrar e articular as ações públicas visando acabar com a fome e, ao mesmo tempo, enfrentar o problema da pobreza.

O Programa *Fome Zero* é denominado pelo governo federal como uma estratégia para assegurar o direito humano à alimentação adequada, priorizando as pessoas com dificuldade de acesso aos alimentos. Dentro dessa estratégia, um dos programas assistenciais tem se destacado: o programa *Bolsa Família*, o qual é considerado o “carro chefe” do *Fome Zero*. De acordo com o *site* oficial do Ministério do Desenvolvimento Social, O Programa *Bolsa Família* (PBF) é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades que beneficia famílias pobres (com renda mensal por pessoa de R\$ 60,01 a R\$ 120,00) e extremamente pobres (com renda mensal por pessoal de até R\$ 60,00).

O Bolsa Família pauta-se na articulação de três dimensões essenciais à superação da fome e da pobreza: promoção do alívio imediato da pobreza; reforço ao exercício de direitos sociais básicos nas áreas de Saúde e Educação; coordenação de programas complementares. Por decisão do presidente Lula, o Bolsa Família unificou todos os benefícios sociais (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Cartão Alimentação e o Auxílio Gás) do governo federal num único programa.

Hoje o PBF é o de maior destaque dentre os programas sociais, por esta razão tem-se investido muito na divulgação dos objetivos do mesmo, assim como nos seus resultados preliminares. Um caderno informativo – assim denominado pelo governo federal – foi lançado em 2005 com reportagens acerca dos programas assistenciais do governo no período do primeiro mandato do presidente Lula. Nas reportagens, pode

ser observado, num primeiro momento, o caráter de divulgação dos tais programas, mas também o caráter promocional do governo, o qual procura mostrar o empenho na execução desses programas.

A heterogeneidade discursiva

Partindo da premissa de Bakhtin (1992) de que “a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal”, e assim sendo, a linguagem é por natureza dialógica, acreditamos que o discurso é sempre orientado pela presença de um locutor que está inserido num contexto sócio-histórico determinado, sendo influenciado pelas condições desse contexto, como também pela presença de outros. Dessa maneira, também nos norteamos pela questão, proposta por Bakhtin, de que nosso discurso está impregnado das palavras do outro, palavras essas que são modificadas, alteradas em seu sentido pelos efeitos da nossa compreensão. Tratamos com as palavras dos outros em nosso discurso, fundimos com elas nossa voz, com elas reforçamos nossas próprias palavras.

Para tanto, todo dizer que circunda o locutor está ancorado em um contexto específico de produção em que se percebe a influência de outras vozes e um atravessamento de discursos. Nesse sentido, o sujeito e o discurso aqui estão sendo tratados como heterogêneos, nos quais podem ser observadas constantemente a pluralidade de vozes e a influência das questões sócio-históricas no contexto de produção.

Considerando a heterogeneidade do sujeito e do próprio discurso, Maingueneau (1997, p. 91) observa que:

O texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva.

Podemos verificar a ênfase em admitir a influência do contexto sócio-histórico de produção representado aqui como a exterioridade em relação ao discurso. Assim quando se fala da heterogeneidade do discurso não se pretende lamentar uma carência, mas tomar conhecimento de um funcionamento que representa uma relação radical de seu “interior” com seu “exterior” (MAINGUENEAU, 1997).

Fernandes (2005) afirma que dialogismo, polifonia e heterogeneidade constituem categorias discursivas que propiciam reflexões visando à compreensão do sujeito discursivo. Acrescenta ainda, que se pode observar que com a proposição do conceito de heterogeneidade discursiva, Authier-Revuz (1990) reitera o caráter polifônico do sujeito discursivo e chama a atenção para o descentramento do sujeito no qual um “eu” implica outro “eu”; e assim o outro se apresenta como uma condição constitutiva do discurso do sujeito, afinal, um discurso constitui-se e sofre (trans) formações na História.

Dessa forma, valendo-nos da idéia de que a polifonia é um aspecto constitutivo dos diferentes discursos e os sujeitos sofrem (trans) formações no cenário histórico-social que lhes possibilitam, pela dispersão dos sentidos, constituírem-se discursivamente (FERNANDES, 2005), temos na reportagem selecionada a presença evidente desse aspecto, uma vez que o texto, para validar as informações a respeito dos benefícios do PBF, utiliza diferentes vozes para creditar o discurso “oficial” do programa, ou seja, o discurso do governo federal está ancorado no dizer de outros.

Brandão (2001) afirma que é necessário se fazer dois deslocamentos no que se refere à análise da concepção de língua enquanto representação da realidade para uma língua enquanto atividade, e também na mudança da concepção de abordar o sujeito como homogêneo e transparente. A autora afirma a importância de se abarcar esse sujeito como um indivíduo heterogêneo, atravessado por outros discursos e inserido num espaço social.

Authier-Revuz (1990) também propõe uma concepção particular de sujeito: a de um sujeito descentrado e interpelado pelo inconsciente que, ao mesmo tempo, se constitui como sócio-histórico determinado pela ideologia. Nessa obra afirma que "constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro".

Nota-se assim, que o sujeito não é o centro organizador da enunciação, pois a constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade decorrente de sua interação

social em diferentes segmentos da sociedade (FERNANDES, 2005). Nesse contexto podemos pensar que o sujeito discursivo não é dado *a priori*, mas sim é constitutivo da relação com o espaço histórico social no qual está inserido, e sendo assim, é atravessado por diversas vozes.

Dentro dessa perspectiva, numa análise preliminar, pode-se observar que o discurso do PBF é um discurso heterogêneo na medida em que sofre influência do atual contexto sócio-histórico e também se compõe de uma pluralidade de vozes.

A heterogeneidade mostrada e suas marcas

Para análise da polifonia e as outras marcas de heterogeneidade que consideraremos como heterogeneidade mostrada, adotamos a proposta de Authier-Revuz de que “a heterogeneidade mostrada inscreve o outro na sequência do discurso - discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25).

Segundo Fernandes (2005), Authier-Revuz argumenta que na heterogeneidade mostrada a voz do outro se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito e pode ser identificada na materialidade lingüística. Dessa maneira, verificaremos na reportagem sobre alguns resultados do PBF, quais são estas “marcas” da voz do “outro” e, por conseguinte tentaremos observar qual representação social é trazida pelas mesmas.

Para Authier-Revuz (1990), as formas da

heterogeneidade mostrada são mecanismos que traduzem a ilusão que o sujeito tem a de domínio do discurso, dotado de escolhas, de intenções, de decisões. A voz do Outro fica explícita na superfície do texto, revelando-se a existência da alteridade por meio de uma ruptura sintática que altera a unicidade aparente de um discurso, no caso de um fragmento citado de um discurso direto, das aspas, dos itálicos, por exemplo. Outras vezes, porém, pode não ocorrer a ruptura sintática em um texto, ou seja, o elemento exterior é incluído no fluxo do discurso sem marcação unívoca, representando uma incerteza com relação à descoberta do Outro. Em função do ambiente discursivo, como é o caso de uma outra língua, de uma variedade de língua ou de um discurso oposto, é que se remeterá à alteridade existente no fragmento discursivo. É o caso do discurso indireto livre e da ironia, por exemplo, em que se encontra uma forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva¹, porque dilui-se o Outro no Um. São formas não marcadas de heterogeneidade mostrada.

De acordo com Maingueneau (1997), dentre as formas de heterogeneidade mostrada temos como exemplo a polifonia, a pressuposição, a negação, o discurso relatado, as aspas, o metadiscurso, a paráfrase, o discurso indireto livre, a ironia,

¹ Segundo Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade constitutiva é interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso. O sujeito, ou o discurso, não se delimita na pluralidade dos outros. Ela é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente.

a autoridade, o provérbio, o slogan, a imitação, o pastiche etc. Tais formas têm em comum o fato de que são manifestações explícitas da presença do outro, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação.

Assim, partiremos do princípio de que Heterogeneidade mostrada incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, a propósito da constituição de uma formação discursiva. (MAINGUENEAU, p. 75).

As representações sociais via marcas de heterogeneidade mostrada

O conceito de representação social ainda não está bem definido para os estudos lingüísticos. Alguns teóricos, em outras áreas, têm procurado trabalhar o termo em determinadas concepções específicas para cada campo de estudo. O objetivo neste trabalho, entretanto, não é discutir os conceitos existentes, mas sim encontrar um que proporcione à análise do discurso, e mais especificamente a este estudo, mecanismo para análise.

De acordo com Moscovici (*apud* LYSARDO-DIAS, 2005, p. 33):

As representações sociais podem ser definidas como entidades que circulam e se articulam o tempo todo através do uso da linguagem ou de gestos cotidianos. E elas são dinâmicos

conjuntos de formas de apreensão e expressão do que é vivenciado no cotidiano que orientam o comportamento, reconstituem os elementos do meio ambiente e compõem uma rede de relações em que o objeto está vinculado.

O que se torna pertinente para nossa análise é o fato das representações sociais articularem-se também na/pela linguagem. O que se faz interessante neste trabalho é observar através do texto como se dá a representação social do PBF, ou seja, a materialidade linguística servirá de instrumento ou mesmo de forma de “materialidade” para a concretização da representação. Assim, como bem argumenta Rajagopalan (*apud* FERREIRA, 2006), “a linguagem é meio entre sujeito e mundo, é a lente pela qual o sujeito olha, constrói, intervém sobre o mundo, é o *tertium quid* entre a mente humana e o mundo”.

Em outro sentido podemos pensar as representações sociais enquanto fenômenos psicossociais que estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos por meio dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros (JOVCHELOVITCH, 2003). De acordo com a autora (p. 65), a esfera pública enquanto lugar de alteridade fornece às representações sociais o terreno sobre o qual elas podem ser cultivadas e se estabelecer. Entendemos aqui que é no público,

na concepção do coletivo que encontramos sentido para as representações que tomamos para nós e também é nesse desse espaço que as representações se solidificam e encontram reconhecimento.

Lysardo-Dias (2005) comenta que o interesse no que se refere às representações sociais estaria centrado na compreensão da forma como a ação de um grupo social incide sobre o indivíduo e como este individualiza o que é coletivamente dado.

Assim sendo, para o programa o qual nos dispusemos a analisar – PBF-, consideramos como representação social as imagens ou ideias trazidas pela materialidade linguística, observadas dentro dos campos de sentidos oferecidos pelas escolhas lexicais da reportagem.

Bolsa Família: as outras vozes, validade do discurso e a representação social

A reportagem intitulada *Bolsa Família garante os direitos sociais básicos*², publicada no ano de 2005 num caderno do ministério do desenvolvimento social, traz como discussão alguns resultados do PBF. O texto é composto da citação de famílias que recebem o programa, assim como os depoimentos desses beneficiários.

² Esta reportagem é encontrada no Caderno Informativo lançado no ano de 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e tem como objetivos informar e descrever os principais programas assistencialistas do Governo Federal.

Pode ser observado que no montante de quatro páginas, para desenvolver a idéia central proposta, foi utilizada a estratégia da narração. Apesar do texto ter predominantemente o caráter argumentativo, uma vez que busca defender a idéia de um programa que realmente “garante” os direitos sociais básicos, é notória a estratégia do desenvolvimento da reportagem ser a narração. Por meio da narração de “histórias de vida” de alguns beneficiários do PBF e de sua própria “voz”, o texto vai tecendo sua argumentação.

Em trechos como “Na casa simples de chão batido, a brasa no fogão à lenha é sinal de que ali tem o quê comer. Ana Paula Silva Santos, 18 anos, vive com o companheiro Erivaldo Pereira Bezerra, 23 anos e seus quatro filhos” verifica-se a estrutura da narração. A presença de personagens (Ana Paula, Erivaldo, quatro filhos), tempo (presente) e um espaço (casa de chão batido) são elementos que estruturam a narrativa. A reportagem toda se compõe praticamente em torno dessa concepção, ou seja, a narração vai se constituindo da apresentação de famílias que recebem o programa e sua respectiva formação: pais, filhos, netos etc., assim como de outros elementos estruturais da narração; tempo e espaço.

É mediante desse “esquema” de narração que o texto coloca em prática a ideia de que o PBF realmente garante os direitos sociais básicos. A narração funciona aqui como uma espécie de citação de fatos que “provam”, “certificam” as ações do programa, ou seja, o padrão retórico da narração funciona como uma espécie de “garantia” de que o programa está

realmente atingindo seu objetivo.

Maingueneau (1997) comenta que os discursos direto e indireto, as manifestações mais clássicas da heterogeneidade enunciativa, continuam a ser objeto de trabalhos que tentam inscrevê-los no campo dos problemas da enunciação.

Pode-se observar na materialidade linguística selecionada marcas de heterogeneidade mostrada. As mais evidentes e recorrentes são o discurso relatado em ordem direta e indireta, e o uso das aspas. Nas quatro páginas onde está inserido o texto verificou-se a incidência da citação de 14 personagens – nomes de pessoas a quem o programa dá voz - que servem de pretexto e confirmação da ideia proposta: a garantia de direitos sociais básicos. Os personagens vêm nomeados e com uma pequena descrição, cada qual é identificado pela idade e pela atividade que exerce.

No texto, também pode ser observado que há 21 ocorrências de discurso relatado, sendo 13 das ocorrências de discurso relatado em ordem direta e 8 de discurso relato em ordem indireta.

As ocorrências do discurso direto vêm sempre acompanhadas por aspas para diferenciar a voz do locutor do texto das outras vozes. Em um dos fragmentos temos a seguinte enunciação: “Ela relembra momentos difíceis, em que era preciso deixar de comer para dar aos filhos. Quando a gente não tinha o cartão e faltava comida, o jeito era fazer picadinho de palma”. Nesse trecho pode ser percebido que o locutor do texto, no caso o ministério do desenvolvimento social, dá voz a um

outro locutor, no caso do trecho selecionado, Ana Paula da Silva Santos, beneficiária do programa.

De acordo com Maingueneau (1997), o discurso direto se caracteriza pela aparição de um segundo “locutor” no enunciado atribuído a um primeiro “locutor”. Para Kerbrat-Orecchioni (*apud* MAINGUENEAU, 1997) ocultar-se por trás de um terceiro “é freqüentemente uma maneira hábil por ser indireta” de sugerir o que se pensa, sem necessitar responsabilizar-se por isso. Maingueneau ainda observa que o discurso direto traz uma “proteção” ao locutor principal do texto uma vez que, “pode-se tanto dizer que o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo”.

Nesse sentido, podemos verificar, conforme o que estes autores propõem, que o discurso relatado em ordem direta é mais que uma simples aparição da voz do *outro*. No caso analisado – reportagem sobre o PBF – observa-se que a iniciativa de “dar” a voz a outro locutor tem propósitos definidos: credibilizar o dizer do primeiro locutor, responsabilizando o segundo locutor (beneficiários do programa) pelo enunciado e pelos possíveis efeitos de sentido gerados na enunciação.

Partindo das condições sócio-históricas de produção do discurso observado na referida reportagem, podemos pensar que o discurso direto presente no texto tem um espaço considerável - 13 das 21 ocorrências - por este conter a voz não de qualquer locutor, mas sim de pessoas diretamente envolvidas

no programa: famílias que recebem a bolsa. Dessa forma, verifica-se que o discurso direto serve de estratégia para validar o discurso do ministério social, uma vez que o propósito comunicativo de todo caderno onde é veiculada a reportagem é trazer “notícias” sobre a ação desse ministério no que se refere à prestação de contas dos programas assistenciais.

Em relação ao discurso indireto presente no texto, as marcas desse discurso também são consideráveis: temos 8 incidências das 21 formas de discurso relatado. Em fragmentos como: “Ana Paula não pode mais amamentar a filha de cinco meses por problemas de saúde, mas explica que graças ao dinheiro do cartão não tem mais faltado comida no prato de ninguém”, também podemos entender a voz do outro como elemento que credita o dizer do locutor principal do texto. O discurso indireto como marca de heterogeneidade mostrada, além de contribuir para com a idéia polifônica do discurso analisado, vem reforçar o caráter de validade desse discurso. Ao citar pessoas “ditas reais” e exemplos, como no caso de Ana Paula a amamentação, pode-se perceber outra estratégia de dar credibilidade ao discurso. Aproximando as citações do universo dito “real”, ou seja, pessoas com nome, atividade profissional, espaço onde habitam, o locutor tem elementos que o auxiliam na validade da argumentação de seu discurso.

Outra marca de heterogeneidade mostrada observada na reportagem foi o uso das aspas. Podemos observar que além do uso das aspas para marcar o discurso direto foram encontradas

três outras utilizações. Nos fragmentos: “Gilson tem 11 anos e uma certeza: vai ser “doutor”, o menino só tira “notão” e conta um monte de vantagens da nova escola; e em “a gente não quer só comida”, podemos analisar que nos fragmentos as aspas possuem diferentes funções.

Maingueneau (1997) observa que a palavra entre aspas apresenta a particularidade de acumular menção e uso, e que o valor semântico das aspas e o interesse que representam para AD estão ligados a este caráter imprevisível bem como á sua relação com o implícito e sendo assim, as aspas constituem antes de tudo, um sinal construído para ser decifrado por um destinatário.

No caso dos dois primeiros fragmentos podemos entender que temos as aspas com a função de realce, uma vez que as palavras *doutor* e *notão* estão manifestando um efeito de sentido de destaque, privilégio, em outras palavras poderíamos pensar que doutor entre aspas estaria se remetendo a uma profissão diferenciada, um alto posto, um cargo importante e notão a uma importante nota que, de repente, levaria o locutor - Gilson- a alcançar tal cargo.

Na última frase entre aspas citada temos não mais a voz de outro, mas sim a do próprio governo. Na enunciação “fica fácil entender porque mais de 80% do benefício é destinado à alimentação, mesmo sabendo que 'a gente não quer só comida'”, podemos pensar que o enunciador nesse fragmento tenha uma “representação” prévia de seu leitor, neste caso as aspas

sinalizam uma determinada consciência do enunciador no que diz respeito aos problemas brasileiros, as aspas parecem traduzir essa consciência de que não é só o problema da alimentação que o governo tem que tentar ajudar o povo brasileiro, mas sim que existem outros problemas que mesmo ciente no momento, o interesse seria em tratar este caso específico: levar condições de alimentação a população brasileira.

Lysardo–Dias (2005, p. 34) argumenta que “como as práticas de linguagem são práticas sociais, já que os sujeitos interlocutores interagem a partir de uma base comum que mobiliza as percepções de mundo, as representações sociais são discursos sociais que se configuram como saberes, crenças e valores”.

Diante dessa articulação das representações sociais também como saberes, crenças e valores, podemos sinalizar que a representação social do PBF pode ser observada no texto da reportagem como um conjunto de discursos sociais, os quais elegem como tema central a ideia de que o programa é a “saída” imediata para o problema da fome.

Assim sendo, para entender a heterogeneidade discursiva, ou mais especificamente a heterogeneidade mostrada, é pertinente mais uma vez pensar no que nos propõe Maingueneau (1997, p. 86): “segundo as épocas, os tipos de discurso, as citações não são feitas da mesma maneira; os textos citáveis, as ocasiões em que é preciso citar, o grau de exatidão

exigido etc. variam consideravelmente”, dessa forma não podemos perder de vista que as condições e possibilidades de usar o discurso de outro como estratégia no próprio discurso são proporcionadas pelas condições sócio-históricas desse discurso.

Assim, o programa Bolsa Família, no momento atual de sua existência tem condições de usar o discurso de seus beneficiários para creditar seu discurso de programa assistencialista bem sucedido, em função de sua repercussão está sendo feliz, bem sucedida, entretanto pode acontecer o fato de que daqui alguns anos essa condição bem sucedida não seja a mesma. Dessa maneira, podemos enfatizar o fato de as representações sociais sofrem interferências do contexto sócio-histórico no qual estão inseridas em função das condições de existência que cada discurso traz.

Considerações finais

A construção dos sentidos a partir do levantamento das vozes em uma obra ressalta a complexidade de um texto. Por meio da exploração dos elementos que compõem a heterogeneidade, chega-se aos sentidos e também à representação que ela abrange, seja em favor do social, do político ou do cultural.

Ao abordar a representação social do programa *Bolsa Família* procuramos pensar como o programa é representado pela materialidade linguística da reportagem, uma vez que

partimos também da premissa de que as representações sociais se materializam pela linguagem. Essa representação pode ser observada por meio da voz oficial do texto, de responsabilidade do ministério do desenvolvimento social, mas pode ser notada também pela presença de outras vozes que tiveram papel preponderante na formação da representação social do programa: os depoimentos de pessoas que recebem o benefício.

O presente trabalho não encerra a discussão sobre como pode ser percebida a representação social do PBF pelas marcas de heterogeneidade, mas sim procurou levantar alguns pontos de discussão. Dessa maneira, o que pode ser percebido é que a representação social gerada pelas marcas de heterogeneidade mostrada, verificada no texto selecionado, é uma representação de um programa bem sucedido, que cumpre os objetivos a que se propôs. Também pode ser notado como as marcas de heterogeneidade servem para validar e creditar o discurso do governo.

Diante da reportagem acima analisada podemos dizer que há princípios de regularidade que ordenam a heterogeneidade dos discursos. A regularidade presente diz respeito à utilização do campo semântico das palavras, estas conduzem o leitor a uma imagem positiva acerca do programa. O uso do discurso relatado em ordem direta e indireta, assim como o uso das aspas, demonstra que o campo semântico dos enunciados busca ser um campo positivo em que as palavras estão sempre em torno de elogios e engrandecimento dos

resultados do PBF.

Diante do exposto, fica claro que a linguagem só faz sentido e só se realiza se inserida em um contexto sócio-histórico e cultural. Para levantar os elementos que compõem a heterogeneidade, é indispensável o conhecimento das relações estabelecidas entre o texto e a realidade. Mobilizando os dispositivos da Análise do Discurso, é possível trabalhar os limites dos processos de significação e de compreensão para a construção dos sentidos, assim como por meio desses mecanismos e dessas estratégias pensar as representações sociais.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades Enunciativas. Trad. bras. *Cadernos de Estudos Lingüísticos: Revista do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*, Campinas, n.19, p. 25-42, jul. /dez., 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRANDÃO. Helena H. Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (org). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Pontes/FAPESP, 2001, p.59-70.
- FERNANDES, Claudemar Alves . *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. p. 33-44
- FERREIRA, Dina Martins. *Não Pense, Veja: o espetáculo da linguagem no palco do Fome Zero*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.
- LYSARDO-DIAS, Dylia (org). *Discurso, representação e ideologia*. São João del-Rei; PROMEL/UFSJ, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. Trad. Fleolo Indursky. São Paulo: Pontes / Unicamp, 1997.

The Social Representation of the Bolsa Família Program via marks of shown heterogeneity

Abstract: This paper aims at analyzing the social representation of the Bolsa Família Program, through theoretical proposal of Discursive Heterogeneity, according to Althier-Revuz (1990) and Dominique Maingueneau (1997). To achieve this goal, a press release which was published in an informative folder distributed by Ministério do Desenvolvimento Social – author of the program - was used. It is possible to perceive, somehow, that the utilization of the marks of discursive heterogeneity in the text is articulated as strategy of validity for the discourse of the Ministry, which aims at publicizing the results of the actions of the Bolsa Família Program.

Keyword: Bolsa Família Program – Discursive Heterogeneity – Social Representation